

EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM UMA IES CATARINENSE

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2021.56.11099>

Recebido em: 8/7/2020

Aceito em: 11/5/2021

Adenes Sabino Schwantz,¹ César Augustus Winck²

RESUMO

Atualmente, o acesso à informação e ao conhecimento financeiro são fundamentais na sociedade, e quando se visualiza o mundo globalizado, são necessárias ações que auxiliem as pessoas a tomarem decisões importantes, tanto na obtenção do bem-estar individual quanto social. Estas ações podem se relacionar à educação e à alfabetização financeira, termos que se confundem facilmente. Enquanto a educação financeira se define como um processo em que consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão sobre conceitos, riscos e produtos financeiros, a alfabetização financeira traduz-se como uma associação de consciência, habilidade, conhecimento e comportamento necessário para tomar decisões relacionadas a finanças, bem como alcançar o próprio bem-estar financeiro. Esta pesquisa buscou investigar e analisar o nível de educação e alfabetização financeira de estudantes de Graduação do Instituto Federal Catarinense – IFC – e também identificar e elencar fatores e comportamentos influentes em sua educação e alfabetização financeira. Como resultado, identificou-se que entre os respondentes, 57,64% foram considerados alfabetizados e educados financeiramente, de acordo com a escala proposta no estudo. Este percentual está alinhado com a média de países com economias consolidadas e elevados índices socioeconômicos, tais como os do continente europeu. Essa média é, ainda, amplamente superior à da maioria dos países da América Latina. Também constatou-se que fatores como região de origem, renda, empregabilidade e tipo de residência não influenciaram de maneira significativa no nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes, no entanto gênero, formação, escolaridade dos pais e idade mostraram-se influentes neste nível analisado.

Palavras-chave: comportamento financeiro; ensino superior; desenvolvimento econômico.

FINANCIAL EDUCATION AND FINANCIAL LITERACY OF COLLEGE STUDENTS ON A SANTA CATARINA FEDERAL INSTITUTE

ABSTRACT

Access to information and financial knowledge is fundamental in today's society, and on a globalized world, actions are needed to help people make important decisions, besides achieving individual and social well-being. These actions can involve education and financial literacy, terms that are easily confused. While financial education is defined as a process in which consumers and investors improve their understanding of financial concepts, risks and products, financial literacy translates as an association of awareness, skill, knowledge and behavior necessary to make decisions related to finance, as well as how to achieve your own financial well-being. This research sought to investigate and analyze the level of education and financial literacy of undergraduate students at Instituto Federal Catarinense - IFC, and also to identify and list factors and influential behaviors in their education and financial literacy. As a result, it was identified that among respondents, 57.64% were considered literate and financially educated, according to the scale proposed in the study. This percentage is in line with the average percentage of countries with consolidated economies and high socioeconomic indexes, such as those on the European continent. This average is still significantly higher than that of most countries in Latin America. Still, it was shown that factors such as region of origin, income, employability and type of residence did not significantly influence the level of education and financial literacy of students. However, gender, education, parental education and age were found to be influential in this same level.

Keywords: financial behavior; higher education; economic development.

¹ Autor correspondente. Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Videira. Rodovia SC-135, km 124 – Campo Experimental. Videira/SC, Brasil. CEP 89564-590. <http://lattes.cnpq.br/6371110273063682>. <https://orcid.org/0000-0001-8906-0867>. adenes.schwantz@ifc.edu.br

² União das Faculdades Católica de Mato Grosso – Unifacc – MT. Várzea Grande/MT, Brasil.

INTRODUÇÃO

Indivíduos e famílias diariamente tomam importantes decisões econômicas, incluindo as decisões financeiras. Enquanto algumas podem ser baseadas em experiência ou idade, por exemplo, outras, mais complexas, requerem informação, habilidade e/ou educação.

Governos, empresas e entidades de todo o mundo deveriam ensinar sua população a lidar de forma efetiva com seu dinheiro, com o objetivo de que seus cidadãos vivam dignamente durante as diversas fases de sua vida (OECD, 2013a).

Indivíduos economicamente ativos, especialmente os jovens, se deparam com desafios pessoais e econômicos diariamente. Essas situações resultam em uma maior busca e necessidade de produtos e serviços financeiros, assim como habilidade em como gerenciar seus recursos (LUSARDI; MITCHELL, 2011).

Atualmente no Brasil o vínculo dos indivíduos é muito forte com a poupança, constituindo-se este o principal ativo financeiro, uma vez que somente 19% daqueles que investem não possuem essa aplicação. Investidores pessoa física na Bolsa de Valores brasileira, Bolsa, Brasil, Balcão – B3, são menos de 0,5% da população. Enquanto isso, em países economicamente desenvolvidos, tomando os Estados Unidos da América como exemplo, esse número chega próximo a 20% da população (B3, 2019).

A educação, bem como alfabetização financeira, ainda são partes integrantes e fundamentais da construção da cidadania, bem como de sua formação. Não só por estar presente no dia a dia, na forma do uso do dinheiro, quando se compra, vende ou investe, mas também por ter parte na construção de um pensamento crítico (LUSARDI; MITCHELL, 2014).

De acordo com Potrich, Vieira e Ceretta (2013), menos de 30% dos jovens universitários afirmaram que possuíam uma reserva financeira para eventuais emergências. Santos *et al.* (2016) igualmente avaliaram o uso do crédito entre universitários em um estudo internacional, envolvendo Brasil e Estados Unidos da América. Os autores apontaram para uma correlação positiva significativa entre o mau uso do crédito e a falta de educação e alfabetização financeira dos estudantes.

Por fim, avaliando residentes de um Estado brasileiro, Potrich *et al.* (2014) verificaram que menos da metade dos respondentes compreendiam o conceito básico de inflação. Quando comparado o entendimento do mesmo conceito com jovens universitários (POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013) o número cai, surpreendentemente, para apenas 14%.

Com as crescentes preocupações acerca do futuro, haja vista os problemas enfrentados pela Previdência Social brasileira, a população em geral e, em especial, os jovens, não pode contar, exclusivamente, com a capacidade do Estado de fornecer uma aposentadoria tranquila (SOUZA; KROM, 2017).

Tendo em mente os pressupostos abordados anteriormente, esta pesquisa visou a analisar estas e outras variáveis pertinentes ao tema, no âmbito do Estado de Santa Catarina, com o intuito de levantar dados relacionados com o tópico na região. Salienta-se que não foram encontrados estudos recentes acerca do tema, dentro das bases de dados utilizadas, especialmente no âmbito regional (SC) e brasileiro. Além disso, este estudo possui um viés em desenvolvimento, algo ainda não realizado.

Para tanto concentraram-se esforços para responder à pergunta: “Qual o nível de educação e alfabetização financeira dos estudantes de Graduação do Instituto Federal Catarinense?” Como objetivos específicos teve-se i) identificar os hábitos financeiros e de poupança dos estudantes; ii) estabelecer o comportamento e as atitudes dos estudantes relacionadas com suas finanças pessoais e iii) descrever a percepção e o conhecimento dos estudantes sobre educação, alfabetização e planejamento financeiro. Dessa forma, ainda se ressalta que o estudo se justifica pelo ineditismo, tema e lócus.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação e Alfabetização Financeira

Educação financeira e alfabetização financeira são termos que se confundem constantemente. Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OECD – educação financeira define-se como um processo em que consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão sobre conceitos, riscos e produtos financeiros, obtendo informação e instrução, desenvolvendo confiança e habilidade. Dessa forma, tornando-se mais conscientes sobre oportunidades e riscos financeiros, fazendo escolhas conscientes e, por conseguinte, realizando ações e tomando rumos com o intuito de melhorar seu bem-estar (OECD, 2005).

Além disso, no sentido de promover a consciência e importância do tema, a OECD também aponta que “A Educação Financeira se tornou um importante complemento da conduta do mercado e da regulamentação prudencial e melhorou os comportamentos financeiros individuais” (2017, p. 135), mostrando-se esta uma prioridade política de longo prazo em diversos países.

Em complemento, no contexto nacional, existe a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF – que em seus textos aborda o tema, trazendo bases para compreensão do conceito de educação financeira como

processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos nele envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda, adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consciente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (BRASIL, 2010, p. 57-58).

Conforme o tópico foi evoluindo e tornando-se tema constante de debate, a OECD, por sua vez, nessa corrente, incorpora em 2012 ao Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – Pisa – um teste sobre educação financeira (OECD, 2012). Ainda, nesse desdobramento, surge a expressão alfabetização financeira. A OECD (2013a, p. 230) define e conceitua alfabetização financeira como uma “associação de consciência, habilidade, conhecimento e comportamento necessário para tomar decisões relacionadas a finanças, bem como alcançar o próprio bem-estar financeiro”.

Com isso, percebe-se que educação e alfabetização financeira estão intimamente ligadas, porém diferem em sua essência. Enquanto a primeira preza e relaciona conceitos básicos de finanças, tais como definição de juros, taxas, entre outros, a segunda visa a empregar esses con-

ceitos em benefício próprio do cidadão, no enalço pela busca de melhores condições de vida e de bem-estar social (LUCCI *et al.*, 2006; VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Atualmente percebe-se uma diversidade de estudos e autores envolvidos com a pesquisa relativa ao tema (ATKINSON; MESSY, 2012; LUSARDI; MITCHELL 2014; SANTOS *et al.*, 2016; ERGÜN, 2018). Mesmo com a falta de uma definição estritamente clara, ainda se constata um número vasto de pesquisas. Percebe-se que a grande parte dos estudos (FERNANDES; CANDIDO, 2014; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015; VIEIRA *et al.*, 2016) focam em medir o conhecimento financeiro. Isso pode ser visto como uma avaliação importante, porém englobando apenas educação financeira de forma restrita. Por sua vez, Ferreira e Castro (2020) investigam a segurança financeira de estudantes de Graduação.

Potrich, Vieira e Kirch (2015, p. 365) ressaltam que “a maioria das definições norteia conceitos de conhecimento e alguns de forma mais abrangente, mensurando também a aplicação desse conhecimento como conceito de alfabetização financeira”. Aqui, no entanto, o foco foi de uma investigação mais ampla, não somente pesquisando o conhecimento financeiro dos sujeitos. Para tanto foi adotada a definição de alfabetização financeira introduzida por OECD (2013a) e apresentada no início deste referencial.

Educação, Desenvolvimento Econômico e Social

O crescimento populacional e econômico são duas variáveis intrinsecamente ligadas e, também, uma preocupação global primordial, tanto no campo teórico quanto no campo prático.

As relações entre crescimento populacional e desenvolvimento desafiam estudiosos por muito tempo e referem-se tanto aos impactos do crescimento e estrutura da população sobre o crescimento e a distribuição da renda (crescimento econômico), quanto sobre os impactos do crescimento econômico sobre o crescimento e a estrutura da população (PAIVA; WAJNMAN, 2005, p. 1).

A partir do exposto por Paiva e Wajnman (2005), pode-se observar também que desenvolvimento e educação são fatores que andam juntos. Por muitas vezes olha-se para um e não para outro.

O Brasil apresentou um crescimento populacional elevado e que tende a se estabilizar no futuro (IBGE, 2019). Assim sendo, mostra-se necessário preocupar-se com a educação dessa população em si. Por vezes a educação formal, aquela que prepara para o mundo do trabalho e proporciona meios para os cidadãos proverem o sustento a si e suas famílias, é o único foco de todos os esforços pessoais e políticas públicas.

Dessa forma, a educação e alfabetização financeira, tão importante para administração de bens pessoais, bem-estar social e, além disso, que impacta diretamente na sociedade e rumos do país, direta ou indiretamente, é deixada de lado, diante da educação formal, como evidenciam Kiyosaki e Lechter (2000):

O dinheiro não é ensinado nas escolas. As escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais, mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida (p. 22).

Não há necessidade de ser tão enfático quanto os autores, porém o que é retratado por eles, tende ser verdade em vários casos. O assunto proposto para ser abordado é um tema pouco discutido e estudado em escolas brasileiras. O autor Saito, por exemplo, apontava para a existência de uma lacuna ao dizer que “[...] não há especificamente trabalhos sobre a implantação da Educação em Finanças Pessoais nos currículos nacionais” (2007, p. 7).

É importante frisar, no entanto, que a educação financeira não é importante somente do ponto de vista individual. Educação e alfabetização financeira são pontos importantes no processo de desenvolvimento de economias regionais e nacionais, bem como um tema relativo ao exercício da cidadania (DANTAS, 2015).

É factível a importância de os indivíduos, e da sociedade como um todo, possuírem conhecimentos sobre como lidar com questões financeiras. Consumidores novatos, especialmente os jovens, muitas vezes tomam decisões equivocadas, o que impacta, por vezes seriamente, no decorrer de sua vida (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010).

Dessa forma, como sociedade precisa-se ter em mente atitudes positivas em relação ao consumo, utilização do crédito e sua relação com o desenvolvimento econômico e social que se deseja atingir.

METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida no Instituto Federal Catarinense – IFC – instituição de ensino superior e técnico, parte da rede de Instituições Federais presente em todos os Estados da Federação. O tema foi escolhido e relacionado com a Instituição de Ensino Superior (IES) devido à sua relevância e atualidade.

Para levantamento dos dados foi aplicado um questionário estruturado. Este instrumento foi enviado via *e-mail*, uma vez que o quantitativo total da população investigada é muito grande e os diferentes *campi* da IES encontram-se separados por distâncias consideráveis.

Salienta-se a possível utilidade dos achados como norteadores e auxiliares para o planejamento ou execução de determinadas políticas públicas. Tais políticas podem refletir-se em ações em âmbito regional ou mesmo dentro da própria instituição.

Conforme Gil (2007), a pesquisa descritiva, comumente, apresenta finalidade de levantar ou descrever características de determinado fenômeno ou população.

População e Amostra

O local de análise e condução da pesquisa foi o Instituto Federal Catarinense, com 15 *campi* distribuídos geograficamente conforme a Figura 1.

O Instituto Federal Catarinense conta atualmente com *campi* distribuídos nos municípios de Abelardo Luz (2), Araquari (3), Blumenau (4), Brusque (5), Camboriú (6), Concórdia (7), Fraiburgo (8), Ibirama (9), Luzerna (10), Rio do Sul (11), Santa Rosa do Sul (12), São Bento do Sul (13), São Francisco do Sul (14), Sombrio (15) e Videira (16), uma Unidade Urbana em Rio do Sul, além da Reitoria (1), instalada no município de Blumenau.

Figura 1 – Os *campi* do Instituto Federal Catarinense



Fonte: IFC (2019).

O IFC conta com 44 cursos de nível superior de Graduação divididos nas mais diversas áreas. Estes cursos subdividem-se em superior de Tecnologia, Bacharelado e Licenciatura. A pesquisa focou exclusivamente nos discentes destes cursos. O número total de estudantes cursando o Ensino Superior no IFC, de acordo com os dados mais recentes (SETEC; MEC, 2019), é de 6.552.

Na impossibilidade de trabalhar com o total, porém com o intuito de obter resultados confiáveis, que retratam a realidade do grupo como um todo, utilizou-se uma amostra (LEVINE; BERENSON; STEPHAN, 2000).

Dessa forma, o tamanho da amostra foi determinado baseando-se em uma população finita, como o presente caso. Como explica Levin (1987, p. 76): “caso a amostra tenha um tamanho (n) maior ou igual a 5% do tamanho da população (N), considera-se que a população seja finita”.

Desta maneira, o autor conceitua a equação para determinação do tamanho da amostra (n) com base na estimativa da proporção populacional, como segue.

$$n = \frac{N \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2}{\hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (Z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \cdot E^2} \quad (1)$$

Conhecendo essa população total (N) que é de 6.552 alunos, adota-se um intervalo de confiança de 95%, que garante uma representação amostral muito próxima da realidade da população analisada (TRIOLA, 1999).

Isto posto, deve-se definir o tamanho de amostra. Assim, a equação (1) exige que se utilizem os valores populacionais amostrais \hat{p} e \hat{q} . Se estes, contudo, também forem desconhecidos, substitui-se \hat{p} e \hat{q} por 0,5, em conformidade com o apontado por Levine, Berenson e Stephan (2000). Então, obtém-se a seguinte estimativa, para o cálculo amostral:

$$n = \frac{6552 \cdot 0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,96)^2}{0,5 \cdot 0,5 \cdot (1,96)^2 + (6552 - 1) \cdot 0,05^2} \quad (2)$$

A equação (2), resolvida para n , retorna um valor de 362,94. Com um acréscimo de 5% nesse número, como indicado por Levine, Berenson e Stephan (2000), e usando arredondamento para o número inteiro imediatamente superior, obtém-se o número amostral final $n = 382$ estudantes. Esse acréscimo de 5% no valor da amostra ajuda a mitigar questões fora do controle do pesquisador, como respostas inválidas, perda de dados, entre outras (LEVINE; BERENSON; STEPHAN, 2000). O número n encontrado perfaz o total de aproximadamente 5,83% do total da população.

Sendo assim, ao se obter respostas de, no mínimo, 383 estudantes, é possível inferir, com uma certeza de 95%, que suas respostas representam e retratam a realidade do grupo completo.

Visando a uma coleta de dados por meio de um questionário, esta pesquisa, descritiva, a partir do exposto por Souza, Branco e Lopes (2007) caracteriza-se como do tipo *survey*.

Coleta e Análise dos Dados

Os estudantes participantes foram, então, pesquisados via questionário. Este instrumento foi desenvolvido e hospedado *on-line* na plataforma Formulários Google®. O momento de coleta de dados foi transversal e prospectivo.

O questionário foi estruturado em quatro seções distintas. Inicialmente o documento passou por um pré-teste, o qual auxiliou na avaliação do processamento e coleta dos dados. Tal processo consistiu na aplicação de 18 questionários direcionados a membros da população objeto da pesquisa, sendo entregues aleatoriamente no *campus* Videira do IFC.

As questões foram de múltipla escolha, majoritariamente com apenas uma resposta possível, além daquelas em que foi empregada a escala Likert de cinco pontos (em que 1 = discordo totalmente e 5 = concordo totalmente).

É importante destacar, ainda, que as questões 20, 22 e 24, presentes na Seção II, tiveram a escala invertida. Nessas questões uma resposta “discordo totalmente” retrata um bom comportamento financeiro.

Diversas questões integrantes do questionário aplicado foram elaboradas pelos próprios autores, no entanto também foram utilizadas perguntas de pesquisas similares, aplicadas tanto no Brasil como no exterior (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011; OECD, 2012; OECD 2013b; POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013; ERGÜN, 2018). Essas questões foram adaptadas para melhor atender aos objetivos da pesquisa.

O questionário ficou aberto pelo período de 21 dias, durante o qual os estudantes puderam acessá-lo e respondê-lo. Ao final desse período foram coletados 403 questionários, 399 deles válidos. Esse total resultou em um percentual de 6,09% da população total, assim atendendo ao número mínimo de amostra. O total de questionários aplicados foi de 421, incluindo os 18 aplicados no pré-teste e aqueles que acessaram o instrumento, mas se recusaram a participar.

Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados

Para este trabalho construiu-se uma escala de medição própria. Essa escala envolve as seções III e IV do questionário, ou seja, perguntas com respostas certas e erradas. Foi atribuído um peso diferente para cada uma das seções, uma vez que estas avaliam aspectos distintos. A equação (3) apresenta a escala proposta, chamada *escore financeiro*.

$$EscF = \frac{[(\sum \text{seção III}) + ((\sum \text{seção IV}) \times 2)] \times 100}{20} \quad (3)$$

Essa escala possui valores mínimos e máximo de 0 e 100, respectivamente. As questões da Seção III possuem peso de um ponto, pois se trata de questões mais teóricas. Já as questões da Seção IV têm peso de dois pontos, pois se trata de questões mais relacionadas com o dia a dia. Todas as questões possuem respostas corretas, sendo assim, o valor máximo obtido de pontuação poderia ser de 20 pontos, resultando em 100 pontos no escore.

Inicialmente, a fim de caracterizar a amostra, foi empregada a estatística descritiva das variáveis. Para tanto foram utilizadas médias, moda, mediana e desvio padrão. Além disso, as frequências também foram calculadas, obtendo um panorama geral dos comportamentos e representação das variáveis.

Com o intuito de desvendar quais variáveis exercem influência, positiva ou negativa, na educação e alfabetização dos estudantes, técnicas inferenciais multivariadas foram empregadas. Conforme ressaltado por Hair Jr. *et al.* (2009), a análise de regressão múltipla é uma técnica estatística bastante usual e importante.

Primeiramente foi realizada a caracterização descritiva e, logo a seguir, empregadas as técnicas inferenciais, mencionadas anteriormente. Com isso pode-se determinar a influência das diversas variáveis independentes no modelo construído, com a educação e alfabetização financeira, representadas pelo escore financeiro, como variável dependente.

A partir dessa estrutura puderam ser analisadas as respostas dos estudantes de acordo com seu conhecimento, experiência e avaliação, traduzindo-se no seu nível de educação e alfabetização financeira. Para esta análise um nível de significância de 0,05 (5%) foi adotado, assim como todos os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho, que contam com 95% de confiança estatística.

Na análise de regressão foram utilizados dois métodos. No primeiro deles, identificado “Geral”, todas as variáveis foram consideradas no modelo e assim testada a sua significância. Para testar a significância do modelo obtido pelo método geral, foi utilizado o teste de Análise de Variância (Anova), com o modelo sendo estatisticamente significativo, se $Anova < 0,001$, valor este abaixo da significância adotada (5%). Assim, a hipótese nula é rejeitada, e o modelo encontrado, aceito. O segundo método empregado foi o *Stepwise*, com as mesmas características para Anova. Ainda se ressalta que para essa regressão linear multivariada foi utilizado o método dos Mínimos Quadrados Ordinários – MQO.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na amostra obtida, de 399 sujeitos, 50,6% dos respondentes eram do gênero masculino, 47,9% feminino, 1% preferiu não declarar e 0,5% apontou a opção outro. Obteve-se respondentes de 18 Estados brasileiros e do Distrito Federal. Todas as cinco regiões brasileiras foram representadas, com destaque para as regiões Sul e Sudeste, contribuindo com mais de 90% dos respondentes.

No tocante à idade dos sujeitos, por se tratar de estudantes de Graduação, a maior parte dos respondentes trata-se de jovens adultos, principalmente com idades inferiores a 30 anos. A amostra possui representação de estudantes de todos os 15 *campi* do IFC.

No quesito formações anteriores, 45,6% possuem formação em curso técnico; 11% possuem outra Graduação concluída e 7,5% têm alguma formação ou treinamento relacionado com finanças. Por fim, tem-se magistério e outras formações, com 4,5% e 2,6%, respectivamente.

É importante observar que entre todos os respondentes da pesquisa, 92,5% ou, mais especificamente, 369 estudantes, não possuem formação ou treinamento em finanças, o que pode indicar que esse mesmo percentual de alunos nunca foi alfabetizado ou educado financeiramente de maneira formal.

A maioria, ou 36,8%, reside com os pais. Já 25,3% deles residem com cônjuge e/ou filhos, evidenciando que mais de $\frac{1}{4}$ dos respondentes já formaram sua própria família. Ainda, 11% dos estudantes da amostra residem sozinhos e 4,3% encontram-se em outras situações diferentes destas anteriormente citadas. Em relação ao tipo de residência em que os respondentes habitam, quase metade (48%) reside em imóveis alugados. Quase 42% moram em imóveis próprios ou em processo de aquisição, dos quais 34,1% em imóveis quitados e 7,8% em financiados. Do total, ainda, 7,8% moram de favor ou em imóveis cedidos, enquanto 2,3% indicaram estar em outras situações diferentes das anteriores.

Relativamente à escolaridade dos pais, a maioria tem os pais com Ensino Médio completo, totalizando 25,6%. Aqueles com pais com Ensino Fundamental incompleto também são um percentual importante, somando 24,3%. Ainda destacam-se percentuais consideráveis de pais com Graduação completa e Pós-Graduação, com 15,8% e 13,8%, respectivamente. Para essa questão foi considerada, entre pai ou mãe, aquele com a escolaridade mais alta.

Igualmente verificou-se que 60,9% dos estudantes recebem algum apoio ou auxílio financeiro proveniente de seus pais ou outra pessoa em situação similar. Por consequência, 39,1% são financeiramente independentes de outras pessoas do seu círculo familiar.

Quanto à empregabilidade, evidencia-se que 62,7% dos estudantes da amostra possuem alguma fonte de renda proveniente do trabalho. É importante destacar que essa pergunta é independente daquela sobre apoio financeiro dos pais. Ou seja, pelos percentuais aqui elencados, percebe-se que os estudantes possuem renda do trabalho e ainda assim recebem apoio financeiro de outras pessoas, como os pais. Cerca de 37,3% declararam não possuir atividade remunerada.

Entre os estudantes que possuem atividade remunerada, tem-se 30,3% com emprego formal. Aproximadamente 22,3% encontram-se em atividades remuneradas temporárias, como estágios. Por fim, tem-se 6,3% dos estudantes atuando em negócio próprio, como empreendedores, e 3,8% que declaram se encontrar em situações distintas das apresentadas anteriormente.

Em relação ao quesito renda, a grande maioria possui renda de até R\$ 2.000,00 por mês, ou seja, 45,1% com renda até R\$ 1.000,00 e 32,3% dos respondentes com rendas entre R\$ 1.000,01 e R\$ 2.000,00. Já na faixa de entre R\$ 2.000,01 e R\$ 3.000,00 observa-se que se situam 13,5% da amostra. Menos de metade desse percentual, ou mais especificamente 6,3% encontram-se na faixa de renda entre R\$ 3.000,01 e R\$ 5000,00. Apenas 2,8% dos estudantes declararam ter renda superior a R\$ 5.000,00.

Finalmente, na avaliação se os estudantes possuem alguma dívida ou empréstimos, a maioria (51,1%) afirmou possuir dívidas. Em contrapartida, 48,9% não possuíam nenhum passivo financeiro deste tipo.

Entre aqueles que apontaram estar endividados, 10,8% afirmaram que essa dívida corresponde até 10% de sua renda mensal. Aqueles que têm entre 10,1% e 20% da sua renda comprometida com a quitação dessas dívidas somam 13,2% do total. Para 13,7% do total de estudantes endividados, a parcela de quitação desse passivo corresponde entre 20,1% e 30% de sua renda mensal.

Pessoas com mais do que 30% de sua renda mensal empregada em compromissos financeiros são consideradas altamente endividadas (OECD, 2013a). Nessa situação, com mais de 30% e até 50% da sua renda comprometida temos a maioria dos endividados da amostra, com 23,5% do total.

Maior do que esse percentual, até 80% e acima de 80% da renda mensal comprometida com dívidas, tem-se, respectivamente, 13,7% e 4,9% do total de estudantes que possuem dívidas e compõem a amostra. Na situação considerada pior dentre as apresentadas, a dos sujeitos que se encontram inadimplentes, sem quitar seus compromissos financeiros, estão 20,1% dos estudantes endividados, que sobre o total de respondentes representam 10,2%.

Ainda buscou-se levantar aspectos comportamentais dos participantes. Isso foi realizado por meio de nove questões, com as respostas sendo coletadas por uma escala Likert de cinco pontos. Os resultados são apresentados em detalhes na Tabela 1.

Tabela 1 – Estatística descritiva das perguntas da Seção II

Questão/Aspecto Analisado	Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Moda	IC
16/ Planejamento	4,75	5	0,54	11%	5	0,05
17/ Aprendizado	4,68	5	0,68	15%	5	0,07
18/ Moradia	4,54	5	0,81	18%	5	0,08
19/ Investir	4,77	5	0,60	13%	5	0,06
20*/ Aposentadoria	2,25	2	1,39	62%	1	0,14
21/ Empreender	3,94	4	1,21	31%	5	0,12
22*/ Orçamento	2,52	2	1,43	57%	1	0,14
23/ Cartões de Crédito	2,46	2	1,64	67%	1	0,16
24*/ Economia e Política	1,60	1	1,25	78%	1	0,12

Nota: *Escala invertida.

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 1 sumariza os resultados das questões da Seção II, que avalia aspectos comportamentais dos sujeitos da pesquisa, apresentando valores de Média, Mediana e Moda, com valores mínimos e máximos possíveis de 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente), respectivamente. Ainda, a tabela traz os valores de Desvio Padrão, Coeficiente de Variabilidade – CV e, finalmente, o Intervalo de Confiança – IC.

Percebe-se que todas as variáveis, com exceção da questão 23 (cartões de crédito), possuem baixa variabilidade, dado que o CV é menor que 50%, uma característica positiva, demonstrando que os dados são homogêneos.

É importante salientar que a resposta ideal para todas as questões seria concordo totalmente (5), exceto as questões 20, 22 e 24, que tiveram suas escalas invertidas. Nessas questões a resposta ideal seria discordo totalmente (1). Isso foi realizado de modo a evitar um fenômeno conhecido como *acquaintance bias*, que indica que em questionários que empregam escala Likert, os respondentes tendem, em sua maioria, a concordar com as afirmações apresentadas (HAIR *et al.*, 2009).

Após a normalização das escalas, é possível observar uma média geral de $4,09 \pm 0,10$, retratando um comportamento muito bom por parte dos estudantes que compõem a amostra.

Ainda se avaliou a educação e alfabetização financeira dos estudantes, mediante questões específicas das seções III e IV do questionário. Os resultados são apresentados nas Tabelas 2 e 3, com as respostas corretas às questões destacadas.

Tabela 2 – Respostas às questões da Seção III

Questão / Aspecto Avaliado	Alternativa	Freq.	%
25 / Planejamento	Não	35	8,8
	Não sei	168	42,1
	Sim	196	49,1
26 / Seguros	Não	33	8,3
	Não sei	81	20,3
	Sim	285	71,4
27 / Taxa de Inflação	Não	78	19,5
	Não sei	261	65,4
	Sim	60	15,0
28 / Taxa de Imposto	Não	121	30,3
	Não sei	206	51,6
	Sim	72	18,0
29 / Juros do Crédito	Não	17	4,3
	Não sei	202	50,6
	Sim	180	45,1
30 / Juros Poupança	Não	152	38,1
	Não sei	180	45,1
	Sim	67	16,8

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Analisando-se a Seção, percebe-se que a resposta “não sei”, alternativa comum a todas as questões, teve destaque. Uma média simples indica que 45,85% das respostas apontam para essa alternativa. Conforme explicitado anteriormente, isso mostra que os respondentes não es-

colheram aleatoriamente uma resposta, pelo contrário, foram sinceros ao indicar sua falta de conhecimento sobre determinado tema ou conceito.

Da mesma forma, foi avaliada a alfabetização financeira. Foram apresentadas diversas situações práticas e reais, fornecendo-se múltiplas opções de resposta. Os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Respostas às questões da Seção IV

Questão / Aspecto Avaliado	Alternativa	Freq.	%
32 / Juros Empréstimo	Não sei	60	15,0
	Nenhum	3	0,8
	Prazo do empréstimo	306	76,7
	Sua situação financeira	100	25,1
	Valor do empréstimo	217	54,4
33 / Descontos	R\$ 1.800	12	3,0
	R\$ 1.880	12	3,0
	R\$ 1.920	344	86,2
	R\$ 2.000	15	3,8
	Não sei	16	4,0
34 / Juros Dívida	Menos de 2 anos	34	8,5
	Entre 2 e 5 anos	235	58,9
	Entre 5 e 10 anos	74	18,5
	Mais de 10 anos	4	1,0
	Não sei	52	13,0
35 / Financiamento	A afirmação está correta	187	46,9
	A afirmação está incorreta	15	3,8
	Depende do banco e/ou do financiamento	101	25,3
	Não sei	96	24,1
36 / Diversificação	Aumenta	35	8,8
	Diminui	252	63,2
	Não sei	72	18,0
	Permanece o mesmo	40	10,0
37 / Efeitos Inflação	Exatamente o mesmo	169	42,4
	Mais do que hoje	23	5,8
	Menos do que hoje	114	28,6
	Não sei	93	23,3
38 / Juros Reais	Exatamente o mesmo	16	4,0
	Mais do que hoje	18	4,5
	Menos do que hoje	211	52,9
	Não sei	154	38,6

Fonte: Dados da pesquisa.

Aqui percebe-se que a resposta “não sei” teve um decréscimo, se comparada com a seção de educação financeira. Uma média simples indica que 26,57% das respostas foram assinadas como “não sei”. Esse é um valor 19 pontos percentuais inferior ao da seção anterior.

As respostas fornecidas foram convertidas em um escore financeiro individual para cada respondente, conforme equação (3). Inicialmente procedeu-se a uma análise descritiva completa para as variáveis quantitativas de idade e de escore financeiro. Essa análise está sumarizada na Tabela 4, mostra a seguir.

Tabela 4 – Análise descritiva completa para Idade e Escore Financeiro

Descritiva	Idade	Escore Financeiro
Média	25,2	52,92
Mediana	21	55,00
Desvio Padrão	8,8	23,45
CV	35%	44%
Quartil1	19	34,17
Quartil3	28,5	71,67
Min	17	0,00
Max	67	100,00
N	399	399
IC	0,9	2,30

Fonte: Dados da pesquisa.

As idades dos respondentes variam de 17 até 67 anos, apresentando uma mediana de 21 e um desvio padrão de 8,8 anos. O intervalo de confiança foi de 0,9 anos e o coeficiente de variabilidade de 35%.

Referente ao escore financeiro geral, é possível constatar que a média foi de $52,92 \pm 2,30$ pontos. Ocorreram os dois extremos, observando-se respondentes que fizeram zero pontos, errando todas as questões, ou assinalando “não sei”, como também houve respondentes que acertaram todas as questões, obtendo 100 pontos.

Estudos diversos adotam diferentes escalas para considerar um sujeito com nível de alfabetização e/ou educação financeira adequada. Potrich *et al.* (2014) consideram aqueles com 80% ou mais de acertos como detentores de alto nível de conhecimentos financeiros e com acertos entre 50% e 79% como detentores de um nível médio. Para Ergün (2018), entretanto, aqueles com 70% ou mais de acertos detêm alto nível de conhecimento financeiro, entre 50% e 69% são considerados como detentores de nível médio de educação e alfabetização financeira. Diversos outros estudos propõem medidas similares, porém não idênticas (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2014; SANTOS *et al.*, 2016; SILVA *et al.*, 2017)

Visto que, neste estudo, foram adotadas questões de um nível mais elevado de dificuldade, além de não terem sido incorporadas questões diretas e demasiado simples, ainda será adotada uma escala similar, porém com ressalvas. Aqui, também, não foi medido somente o número de erros e acertos, percentualmente, mas, sim, construído um escore geral. Além disso, a maioria das questões, em especial as da Seção IV, possui mais do que um conceito ou fundamento testado, combinando-se dois destes em cada pergunta.

Assim sendo, para fins de definição, sujeitos com escore inferior a 50 pontos serão considerados com um nível de educação e alfabetização financeira insuficiente. Por outro lado, escores entre 50 e 69 pontos estarão na escala de nível de educação e alfabetização financeira

adequado. Por fim, escores iguais ou superiores a 70 pontos serão considerados detentores de um nível bom, e mais do que adequado, sendo definidos como educados e alfabetizados financeiramente.

Isto posto, considerando o escore financeiro de $52,92 \pm 2,30$ pontos, ou seja, variando entre 50,62 e 55,22 pontos, considera-se que os estudantes, de modo geral, retratados pela média, possuem um nível adequado de educação e alfabetização financeira.

Do total de respondentes, 57,64% obtiveram uma média para o escore financeiro de 50 pontos ou mais. Consequentemente, esse percentual de discentes pode ser classificado como possuidor de um nível adequado de educação e alfabetização financeira.

Ainda é possível afirmar, tendo em vista a medida do quartil 3, que mais de $\frac{1}{4}$ dos estudantes alcançou 71,67 pontos, sendo dessa forma classificados como plenamente educados e alfabetizados financeiramente.

Tendo em vista esse percentual de estudantes alfabetizados e educados financeiramente, é interessante traçar um paralelo com outros países. Esse valor está levemente acima da média europeia, em que uma pesquisa realizada por Klapper, Lusardi e Oudheusden (2015), reportou que, em média, 52% dos europeus são alfabetizados financeiramente. Em tais pesquisas questões e método de apuração dos resultados semelhantes foram usados.

A mesma pesquisa indicou que os mais altos níveis de alfabetização financeira no continente europeu são Dinamarca, Alemanha, Holanda e Suécia, países nos quais 65% dos adultos são alfabetizados financeiramente. Ainda, Espanha e Grécia reportaram números medianos, com 49% e 45%, respectivamente. Itália e Portugal possuem os menores índices europeus, com a Romênia em último nessa classificação, uma vez que apenas 22% dos adultos são alfabetizados financeiramente (KLAPPER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015; ERGÜN, 2018).

Ainda, de acordo com esse mesmo estudo, no continente americano Canadá e Estados Unidos da América obtiveram os maiores índices de cidadãos alfabetizados financeiramente, com 68% e 57%, respectivamente.

Dessa forma, os estudantes catarinenses apresentam níveis compatíveis com países europeus com economias maduras e desenvolvidas, além de altos índices socioeconômicos e de qualidade de vida. Regionalmente, na América do Sul, os mais altos índices são os de Uruguai e Chile, com 45% e 41%. O pior índice foi atribuído à Bolívia, com apenas 24%. O Brasil teve um índice intermediário, com 35% dos respondentes sendo considerados como alfabetizados financeiramente (KLAPPER; LUSARDI; OUDHEUSDEN, 2015).

Essa pesquisa não é idêntica àquela aqui apresentada, porém emprega questões muito similares e testa os mesmos conceitos (taxas de juros, inflação, entre outros). Sendo assim, com 57% dos estudantes apresentando um nível adequado de educação e alfabetização financeira, percebe-se que esse percentual supera diversos países, estudados por Klapper, Lusardi e Oudheusden (2015). Esse valor de 57% coloca a amostra em linha com Estados Unidos da América, acima da média dos continentes europeu e americano e muito acima da média brasileira, de 35%.

No contexto brasileiro e regional esse nível de alfabetização e educação financeira dos estudantes supera consistentemente aquele representado por pesquisas com questões e métodos similares, tais como as conduzidas por Lizote e Verddinelli (2014) e Potrich, Vieira e Kirch (2015)

Com o intuito de subsidiar o alcance da resposta à pergunta de pesquisa, bem como a consecução dos objetivos propostos, será exposta aqui a regressão linear múltipla realizada.

De acordo com Hair *et al.* (2009, p. 149), a regressão linear múltipla é “uma técnica estatística usada para analisar a relação entre uma única variável dependente e diversas variáveis independentes”. Estabelecendo-se o escore financeiro como variável dependente, é possível realizar a regressão considerando as variáveis restantes (Seções I e II), não englobadas por este, como independentes. Assim sendo, essas variáveis independentes são aquelas associadas às questões de 1 a 24.

As variáveis da Seção I não puderam ser usadas diretamente, ou seja, tiveram de ser codificadas. As questões dicotômicas, ou seja, do tipo não/sim, foram codificadas em 0/1, respectivamente. Ainda, algumas variáveis são ordinais, isto é, possuem um grau de importância e/ou ordem entre as respostas. Assim, estas foram codificadas de maneira crescente e identificadas como “OR”.

Além disso, existem as variáveis que possuem mais de dois níveis de resposta, as quais não possuem qualquer ordem de importância. Para estas variáveis foi utilizado o método de *Dummy*, essas variáveis foram identificadas como “DY”. Na Tabela 5 apresenta-se o resultado geral da regressão linear multivariada para o escore financeiro.

Tabela 5 – Regressão linear multivariada para o Escore Financeiro

Pergunta/Tipo/Variável	Geral		Stepwise	
	Coef. (β)	p-valor	Coef. (β)	p-valor
Constante	-8,586	0,667	0,897	0,932
P1 DY Masculino	7,355	0,407		
P1 DY Feminino	-10,184	0,250	-17,762	<0,001**
P2 DY Região Sul	2,332	0,563		
P2 DY Região Sudeste	6,416	0,207		
P3 OR Campus	1,493	0,478		
P4 Fase	0,595	0,256		
P5 Idade	0,353	0,049*	0,545	<0,001**
P6 Form. financeira	5,019	0,200	7,776	0,036*
P7 Apoio financeiro	3,610	0,268		
P8 Emprego	4,020	0,174		
P9 OR Renda	1,368	0,244		
P10 DY Residência pais	6,103	0,350		
P10 DY Residência cônjuge	12,504	0,067		
P10 DY Residência div.	14,872	0,027*		
P10 DY Residência sozinho	9,386	0,199		
P11 DY Imóvel alugado	0,327	0,969		
P11 DY Imóvel cedido	0,154	0,986		
P11 DY Imóvel prop. fin.	1,373	0,882		
P11 DY Imóvel prop. quit.	0,829	0,922		
P12 OR Escol. pais	1,667	0,007**	1,787	0,002*
P13 Dívidas	-5,659	0,040*	-7,144	0,004*
P16 Planejamento	-4,223	0,154		

P17 Aprendizado	4,902	0,044*	4,085	0,014*
P18 Moradia	-1,498	0,419		
P19 Investir	-0,045	0,986		
P20 Aposentadoria	1,692	0,059	1,741	0,040*
P21 Empreendedorismo	2,963	0,006*	2,691	0,009**
P22 Orçamento	1,599	0,075	2,013	0,016*
P23 Cartões e Crédito	-0,673	0,383		
P24 Economia e Política	1,527	0,142		
ANOVA		<0,001		<0,001
R ²		39,7%		34,9%

*p-valor < 0,05. **p-valor < 0,01

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Obteve-se um poder explicativo, denotado por R^2 , de 39,7%. Dado que em modelos baseados em dados reais e com diversas variáveis preditoras é muito difícil atingir valores de R^2 altos (HAIR *et al.*, 2009), podendo-se considerar que o modelo possui um poder explicativo adequado.

É possível, contudo, criar um modelo mais eficiente, estatisticamente significativo e com poder explicativo semelhante. Para tanto, foi utilizado o método *Stepwise* para regressão linear multivariada. Empregando tal método obteve-se, novamente, um modelo estatisticamente significativo com Anova < 0,001.

Adotando o modelo estimado via *Stepwise* verifica-se quais variáveis são mais importantes na predição da variável dependente, o escore financeiro:

- P1 DY Gênero/feminino;
- P5 Idade;
- P6 Formação financeira;
- P12 OR Escolaridade dos pais;
- P13 Dívidas;
- P17 Aprendizado;
- P20 Aposentadoria;
- P21 Empreendedorismo e
- P22 Orçamento.

Assim sendo, com a combinação dessas variáveis, é possível explicar 34,9% do valor do escore financeiro. O modelo final é representado pela equação (5), a seguir, em que *EscF* representa a variável dependente escore financeiro, prevista pelas demais variáveis, independentes:

$$EscF = -17,762Femin + 0,545Idade + 7,776FormF + 1,787EscP - 7,144Dívidas + 4,085Aprend + 1,741Apos + 2,691Emprend + 2,013Orcam + 0,897 \quad (4)$$

Consequentemente, os resultados obtidos foram significantes. A variável gênero apresentou nível de significância p-valor < 0,001 e o coeficiente $\beta = -17,762$. Sabendo-se que a variável em questão foi codificada como 1 para masculino e 0 para feminino, esse coeficiente indica que as participantes do gênero feminino possuem um menor grau de educação e alfabetização financeira, medido pelo escore proposto. Tal fato é verificado pelo coeficiente negativo apresentado.

Tal característica, de indivíduos do gênero feminino apresentarem menores níveis de educação e alfabetização financeira, vai ao encontro dos mais diversos estudos realizados acerca do tema no exterior (CHEN; VOLPE, 1998; LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012; ERGÜN, 2018) e no Brasil (POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013; POTRICH *et al.*, 2014; SILVA *et al.*, 2017).

A variável idade também compôs o modelo final. Observa-se que com o aumento da idade o conhecimento financeiro, no escopo dos conceitos estudados aqui, também aumenta, de acordo com o fator β . O aspecto relacionado com a idade como sendo um fator influente diverge nas pesquisas relacionadas ao tema. Alguns estudos evidenciaram a idade como sendo influente na educação e alfabetização financeira (CHEN; VOLPE, 1998; ATKINSON; MESSY, 2012; POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015). Já outros estudos (SILVA *et al.*, 2017) determinaram que esse fator não era relevante.

A questão 6 foi codificada como dois tipos de formação, sendo elas formação ou curso relacionado com finanças e demais formações, incluindo, nessa última, outras graduações, curso técnico, etc. Por meio do coeficiente β nota-se que os participantes com esse tipo de formação ou treinamento tendem a aumentar seu escore financeiro. Dada a magnitude do coeficiente β em questão, é possível afirmar que essa variável, juntamente com gênero, são as duas que possuem as maiores amplitudes dentro do modelo, desempenhando papel importante na predição da variável dependente. Aqui o aspecto de formação ou curso de finanças mostrou-se relevante e positivo, concordando com os resultados obtidos por Ergün (2018). Resultado similar, agora no Brasil, Estado São Paulo (FERREIRA; CASTRO, 2020), também foi obtido.

Ainda concluiu-se que indivíduos que possuem dívidas, conforme avaliado pelas questões 13 e 14, apresentam um escore financeiro menor. Esses resultados concordam com o proposto por Lusardi e Tufano (2015), que constataram que pessoas mais propensas a assumir dívidas, conseqüentemente, possuem um grau menor de alfabetização financeira.

A escolaridade dos pais também mostrou-se estatisticamente significativa para o modelo. Com isso, entre os sujeitos da pesquisa percebe-se que aqueles com pais com maior grau de escolaridade apresentam melhores resultados de acordo com a variável dependente analisada. Novamente as evidências aqui estabelecidas corroboram aquelas levantadas por Ergün (2018) e Chen e Volpe (1998), que encontraram influência positiva semelhante. Ainda, Ferreira e Castro (2020) concluem em sua pesquisa que os fatores família e educação do lar têm forte influência na educação financeira dos estudantes pesquisados, quando comparado diretamente com a educação formal universitária.

Entre as variáveis da Seção I, que visou a levantar o perfil socioeconômico dos respondentes, essas foram as que se mostraram estatisticamente significantes para o modelo. As questões da Seção II, visaram a avaliar características comportamentais dos estudantes pesquisados e foram estruturadas em uma escala Likert de cinco pontos. Por sua vez, estas variáveis também foram consideradas independentes para o modelo.

Entre estas, a questão 17, que apresentava a afirmação “Considero importante aprender sobre como funcionam impostos e taxas”, apresentou significância, com p-valor = 0,014 e o coeficiente de maior valor dentre as variáveis dessa seção, sendo $\beta = 4,085$. Isso mostra que aqueles com níveis maiores de educação e alfabetização financeira possuem uma tendência em buscar novos conhecimentos, como evidenciado pelo modelo estimado.

A questão 21 “Tenho intenção em aprender como começar meu próprio negócio/empreender”, apresentou o segundo maior coeficiente na seção, sendo $\beta = 2,691$, exibindo um resultado muito interessante. Sujeitos com interesse ou mesmo propensão a empreender tendem a apresentar uma maior educação e alfabetização financeira.

Além disso, aqueles indivíduos propensos a empreender, geralmente também tendem a ter uma maior participação em mercados de renda variável e obter retornos superiores à média (LUSARDI; MITCHELL; CURTO, 2010; HASTINGS; MITCHELL, 2011). Ainda nessa corrente, Rooij, Lusardi e Alessie (2011) evidenciam que aqueles que adentram a renda variável demonstram possuir graus de educação financeira mais elevados.

Dada a natureza de a renda variável ser muito similar, conceitualmente e na prática, com a do empreendedorismo, confirma-se aqui essa relação. Ainda, dado o coeficiente de 2,691 e a escala Likert de 5 pontos, determina-se que aqueles com predisposição empreendedora, que assinalaram 5 (concordo totalmente) nessa questão, potencialmente apresentam escores no mínimo 10% maiores do que aqueles que assinalaram 1 (discordo totalmente).

Corroborando os achados de Chen e Volpe (1998), este estudo também verificou que aqueles estudantes que se preocupam e/ou planejam sua aposentadoria desde uma idade precoce, apresentam melhores índices de educação financeira do que aqueles que não veem questões dessa natureza como importantes. Embasando essa indução tem-se um coeficiente estimado em 1,741 para a variável associada com a questão 20 “Acredito que minha aposentadoria esteja distante para começar a me preocupar sobre isso agora”.

Finalmente, a questão 22, que avaliou se os estudantes controlam seus gastos e realizam planejamento financeiro, por intermédio de orçamentos mensais ou semanais, também teve sua variável associada incluída no modelo. O coeficiente associado foi de 2,013 e significativo estaticamente.

Sem qualquer surpresa, indivíduos que planejam seus gastos e têm um maior controle financeiro, medindo suas receitas e despesas, mostram-se mais familiarizados com a educação e alfabetização financeira. Este entendimento vai ao encontro dos resultados de pesquisas similares (POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013; POTRICH *et al.*, 2014; ERGÜN, 2018).

Analisando o modelo final de regressão linear multivariada, estabelecido utilizando o método *Stepwise*, verifica-se que somente essas variáveis mostraram-se estatisticamente significantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expressões educação financeira e alfabetização financeira estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. No mundo atual, dinâmico, e de mudanças rápidas, consciência e conhecimento têm se tornado cada vez mais importantes. No contexto das finanças pessoais, o domínio dos conceitos básicos, bem como estar atualizado e bem informado, são fundamentais.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo principal analisar o nível de educação e alfabetização financeira de estudantes de Graduação do Instituto Federal Catarinense.

Com o intuito de dar suporte na busca por atingir o objetivo principal da pesquisa, foram ainda relacionados três objetivos específicos que pretendiam: identificar os hábitos financeiros e de poupança dos estudantes; estabelecer o comportamento e as atitudes dos estudantes relacionadas com suas finanças pessoais e descrever a percepção e o conhecimento dos estudantes sobre educação, alfabetização e planejamento financeiro.

Assim sendo, dentro da escala própria proposta, pode-se auferir uma média de 52,92 pontos para a amostra. Tendo como base 50 pontos, ou metade da escala, para se considerar um estudante educado e alfabetizado financeiramente, tem-se a amostra como um todo, inferindo-se na população total de estudantes como alfabetizada e educada financeiramente. Ainda nessa linha, 25% dos sujeitos superaram a marca de 70 pontos, dessa forma sendo considerados plenamente alfabetizados e educados financeiramente.

O comportamento geral do grupo indicou que os estudantes estão desde já preocupados e planejando sua aposentadoria. O grupo apresentou uma tendência empreendedora, que se revelou como fator influente positivo em seus níveis de educação e alfabetização financeira. Ainda, em relação ao exercício da cidadania, nota-se que os sujeitos possuem elevada consciência acerca das decisões político-econômicas tomadas pelos representantes da sociedade.

Também se estabeleceu diversos fatores que influenciam o nível alcançado pelos estudantes. Entre estes, destaca-se que estudantes tendem a apresentar um escore de educação e alfabetização financeira maior quando, de alguma forma, administram um orçamento, quando planejam suas finanças e quando apresentam maior propensão ou determinação ao aprendizado.

Da mesma forma, identificou-se que estudantes do gênero feminino, que possuem dívidas e que não têm qualquer formação relacionada com finanças, tendem a apresentar níveis de alfabetização e educação financeira menores. Já estudantes com inclinação para o empreendedorismo, com pais com nível de escolaridade maior e de mais idade, também tendem a manifestar níveis mais elevados, relacionados às variáveis pesquisadas.

Por sua vez, fatores como região de origem, ou de residência, utilização do crédito e, principalmente, renda, não se mostraram influentes. Este estudo ainda detectou que um quantitativo importante, da ordem de 62% dos estudantes, desconhece o funcionamento da remuneração de ativos financeiros, tais como a conta poupança. Ainda, temas como inflação e planejamento financeiro apresentaram-se como de difícil compreensão para uma parcela significativa da amostra.

Como limitação, esse estudo apresentou a seleção da amostra, que se deu de forma não probabilística. Uma amostragem probabilística poderia ter resultado em modelos estatísticos estimados com um poder explicativo ainda maior. O tamanho da amostra, no entanto, foi adequado, atendendo diferentes critérios, seja em razão do número de sujeitos pesquisados em relação à população total (LEVINE; BERENSON; STEPHAN, 2000), seja em relação às técnicas e número de variáveis envolvidas nas análises empregadas (HAIR *et al.*, 2009).

Sugere-se a reaplicação do instrumento de pesquisa nas diferentes regiões e instituições de educação superior brasileiras. Também seria importante realizar outros testes e empregar outros métodos de análise de dados, por exemplo, análise fatorial exploratória e modelagem de equações estruturais. Estudos longitudinais avaliando a eficácia de cursos e treinamentos em educação e alfabetização financeira também se apresentam como alternativas interessantes.

No contexto atual, brasileiro e global, político e econômico, vive-se na era das transformações. Informação e conhecimento financeiro surgem como ferramentas importantes na obtenção do bem-estar individual e social. Para tanto, os tópicos abordados neste estudo mostram-se de fundamental domínio, tanto para o desenvolvimento social e econômico, nas mais diferentes realidades, quanto para o exercício consciente da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, Adele; KEMPSON, Elaine. Young people, money management, borrowing and saving. *Banking Code Standards Board*. 2004. Disponível em: http://www.pfrc.bris.ac.uk/Reports/BCSB_young_people.pdf. Acesso em: 27 jan. 2019.
- ATKINSON, MESSY, F. *Measuring financial literacy: results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE). Pilot Study [Working Paper n. 15]*. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/5k-9csfs90fr4-en>>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- B3. *Ecosistema do investidor brasileiro*. Disponível em: <http://www.b3.com.br/data/files/D0/E6/2F/6D/11E9A6106A14A9A6AC094EA8/Resumo-da-Pesquisa-do-Ecosistema-do-Investidor-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- BACEN. *Base para o currículo escolar inclui a educação financeira*. 2018. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/noticias/205>. Acesso em: 23 jan. 2018.
- BRASIL. *Estratégia nacional de educação financeira – Plano Diretor da ENEF*. 2010. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- CHEN, Haiyang.; VOLPE, Ronald Purt. An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.
- DANTAS, Luciana Troca. Educação financeira e sustentabilidade. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2015, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Juiz de Fora: UFJF, 2015. p. 27-37.
- ERGÜN, Kutlu. Financial literacy among university students: A study in eight European countries. *International Journal of Consumer Affairs*, v. 42, n. 1, p. 2-15, 2018.
- FERNANDES, André Henrique de Souza; CANDIDO, João Gremmelmaier. Educação financeira e nível de endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. *Revista Eletrônica Gestão e Serviços*, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014.
- FERREIRA, João Batista; CASTRO, Iara Maria. Educação financeira: nível de conhecimentos dos alunos de uma instituição de Ensino Superior. *Revista de Administração e Negócios da Amazônia*, v. 12, n. 5, p. 134-156, 2020.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HAIR, Joseph *et al.* *Análise multivariada de dados*. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- HASTINGS, Justine Sun; MITCHELL, Olivia. How financial literacy and impatience shape retirement wealth and investment behaviors. *Journal of Pension Economics & Finance*, p. 1-20, jan. 2011.
- IBGE. *Projeção da população*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- IFC. *Guia de Cursos IFC*. [s.d.]. Disponível em: <http://ingresso.ifc.edu.br/guia-de-cursos/>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria.; OUDHEUSDEN, Peter van. *Financial literacy around the world: Insights from the standard & poor's ratings services global financial literacy survey*. Disponível em: https://responsiblefinanceforum.org/wp-content/uploads/2015/12/2015-Finlit_paper_17_F3_SINGLES.pdf. 2015. Acesso em: 21 jul. 2019.
- KIYOSAKI, Robert Toru; LECHTER, Sharon. *Pai rico pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. São Paulo: Campus, 2000.
- LEVIN, Jack. *Estatística aplicada a ciências humanas*. 2. ed. São Paulo: Editora Harbra, 1987.
- LEVINE, David.; BERENSON, Mark Loui.; STEPHAN, David. *Estatística: teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português*. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
- LIZOTE, Suzete Antonieta; VERDINELLI, Miguel Angel. Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 14., 2014. São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP, 21-23 julho, 2014.
- LUCCHI, Cintia Retz *et al.* A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO (SEMEAD), 2006, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, SP, 2006.
- LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia; CURTO, Vilsa. Financial literacy among the young. *The journal of consumer affairs*, v. 44, n. 2, p. 358-380, 2010.
- LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia. *Financial literacy and planning: Implications for retirement well – being*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 17-39.

- LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.
- LUSARDI, Annamaria; TUFANO, Peter. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. *National Bureau of Economic Research*. Working Paper 14808 Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w14808>. Acesso em: 30 abr. 2019.
- LUSARDI, A.; TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. *Journal of Pension Economics & Finance*. v. 14, n. 4, p. 332-368, 2015.
- OECD. *Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness*. 2005. Disponível em: www.oecd.org/. Acesso em: 5 mar. 2017.
- OECD. *Financial education in schools*. Infe. 2012. Disponível em: https://www.oecd.org/finance/financial-education/FinEdSchool_web.pdf. Acesso em: 27 jan. 2019.
- OECD. *National strategies for financial education*. 2013a. Disponível em: www.oecd.org/. Acesso em: 5 set. 2018.
- OECD. *Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender*. Paris, France: OECD Centre, 2013b.
- OECD. *National strategies for financial education*. 2017. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/nationalstrategiesforfinancialeducation.htm>. Acesso em: 25 jan. 2019.
- PAIVA, Paulo de Tarso Almeida; WAINMAN, Simone. Das causas às consequências econômicas da transição demográfica no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos da População*, n. 2, v. 22, p. 303-322, 2005.
- POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; CERETTA, Paulo Sérgio. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários, afinal, o que é relevante? *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 12, n. 3, p. 314-333, 2013.
- POTRICH, Ani Caroline Grigion *et al.* Educação financeira dos gaúchos: proposição de uma medida e relação com as variáveis socioeconômicas e demográficas. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, v. 9, n. 3, p. 109-129, 2014.
- POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH, Guilherme. Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.
- ROOIJ, Maarten von; LUSARDI, Annamaria.; ALESSIE, Rob. Financial literacy and stock market participation. *Journal of Finance Economics*, v. 101, n. 2, p. 449-472, 2011.
- SAITO, André Taué. *Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil*. 2007. 152 p. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SANTOS, Danilo Braun *et al.* Predictors of credit card use and perceived financial well-being in female college students: A Brazil–United States comparative study. *International Journal of Consumer Studies*, v. 40, n. 2, p. 133-142, 2016.
- SETEC/MEC (Comp.). Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica; Ministério da Educação. *Plataforma Nilo Peçanha*. 2019. Disponível em: <https://www.plataformanilopecanha.org/>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- SILVA, Guilherme de Oliveira *et al.* Alfabetização financeira versus educação financeira: um estudo do comportamento de variáveis socioeconômicas e demográficas. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, v. 7, n. 3, p. 279-298, set./dez. 2017.
- SOUZA, Tatiana Yokoy de; BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de; LOPES, Maria Claudia Santos. *Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais. Fractal: Revista de Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 357-376, 2007.
- SOUZA, Tribst Veloso de; KROM, Valdevino. Sistema previdenciário no Brasil. In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E PÓS-GRADUAÇÃO, 21., 2017. São José dos Campos, SP, 2017.
- TRIOLA, Mario Fernando. *Introdução à estatística*. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- VIEIRA, Saulo Fabiano Amanso; BATAGLIA, Regiane Tardiolle Manfre; SEREIA, Vanderlei José. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. *Revista de Administração da Unimep*, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.
- VIEIRA, K. M., FRAGA, L. S., VALCANOVER, V. M., CATTELAN, V. D., FLORES, S. A. M., CAMPARA, J. P. De Onde Vem o Bem-Estar Financeiro? Análise dos Fatores Comportamentais, do Gerenciamento Financeiro e da Renda. *Teoria e Prática em Administração*, v. 6, n. 2, p. 136-171, 2016.